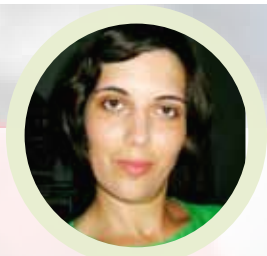




**40 anos  
de abril**





Fátima Santos

## 40 anos de Liberdade

Somos uma democracia que se construiu e ainda se constrói a cada dia que passa, há que limar uma aresta aqui e outra ali. Infelizmente, e devido à mal-afamada crise que nos assola desde 2008, essa democracia por que tantos lutaram, está a ser castigada abruptamente devido à incapacidade de se praticar uma política ativa e defensora dos direitos dos cidadãos.

Faz no corrente ano, 40 anos que a vida social de Portugal foi agitada pela “Revolução dos Cravos”, agitação que permitiu que a ditadura de António Oliveira Salazar terminasse, embora a nova democracia demorasse a interiorizar-se nas mentalidades, que tiveram que reaprender a viver em liberdade após o ano de 1974, podendo ir livremente onde quisessem, podiam ler os livros que entendessem, escrever os seus pensamentos e expressar a sua opinião. Os meios de comunicação social e os seus jornalistas deixam de sofrer a repressão e as constantes perseguições da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). Criada em plena época do Estado Novo, a principal função da PIDE era a anulação de qualquer tipo de ação que fosse pensada como oponente

da ditadura, utilizando até meios violentos como a tortura para repelir os possíveis ataques contra a política imperante.

Para melhor compreendermos a história, façamos uma breve resenha dos acontecimentos; Desde o golpe militar de 1926 Portugal sofre alterações a nível político, começando pelo derrube da República o que permitiu a instauração de um regime de carácter autoritário.

Em 1928 é instaurada uma ditadura militar presidida por Óscar Carmona, á qual chamamos Ditadura Nacional.

Cinco anos depois é produzida a Constituição de 1933 que, por sua vez, estabelece um novo regime de carácter fascista, o Estado Novo, tendo como chefe de governo Oliveira Salazar que o é até á sua morte em 1968.

Logo após a morte de Salazar, é instaurada aquilo que viria a chamar-se a Primavera Marcelista que, tal como indica o nome é encabeçada por Marcelo Caetano e segue os moldes da governação Salazarista.

Uma das linhas deste regime opressor era a colonização, que mesmo estando os restantes países detentores de colónias a deixar as mesmas, este governo teimava

em manter as colónias africanas como Angola e Moçambique. O que levou a uma guerra colonial longa e devastadora para as muitas famílias que durante 13 anos viram partir os seus ante queridos.

Pegando neste ponto, podemos falar do número infindável de pessoas que partiram da pátria mãe para as colónias, com a ambição de conseguir uma vida mais estável e melhor. Foram mesmo muitos os que do nosso concelho, como de outros partiram, e alguns para não mais voltar.

Também a minha família materna embarcou para Moçambique no ano de 1960 em busca dessas oportunidades, e por lá permaneceram 14 anos a trabalhar arduamente a sua parcela de terra, para no fim voltarem praticamente e apenas com a roupa do corpo, tendo que recomeçar novamente do zero as suas vidas num país acabado de sair de uma revolução, que apesar de pacífica, deixou muitas marcas e bem visíveis ainda nos dias de hoje, após 40 anos. É como se por vezes o saudosismo de alguns e o receio e odio de outros que se instituiu, fossem um “carimbo” na alma a dizer “retornado”, são marcas e lembranças, memórias que nem o tempo apaga, por mais anos que

passem e por mais comemorações do dia da Liberdade se festejem. Vejo isso no rosto e no olhar das pessoas, quando a conversa se encaminha em direção a esse passado que já parece tão longínquo.

Foi uma época de fome, de miséria, opressão, e muito sofrimento, não que eu o tenha presenciado, mas pelos relatos do nosso mundo rural e também daqueles que mais próximos das cidades se encontravam. Qualquer atividade que fosse contra corrente era reprimida, aliás, nas próprias escolas existia a obrigatoriedade de rezar, cantar o hino nacional e um respeito inolvidável.

Não entendemos como ainda há quem diga: “naquele tempo é que era!”

Hoje, podemos dizer e gritar em viva voz, Viva a Liberdade!

“Quando o avião aqui chegou  
Quando o mês de maio começou  
Eu olhei para ti  
Então entendi  
Foi um sonho mau que já passou  
Foi um mau bocado que acabou.”

(Excerto da canção de José Mário Branco – Eu vim de Longe)

### Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

 **SuperMaisAnsiães**

Rua Drº José João de Freitas Nº 50 \* 5140-069 - Carrazeda de Ansiães  
Tlf/Fax 278 615 000

**FICHA TÉCNICA****Nome**

O Pombal

**Propriedade**Associação Recreativa e Cultural  
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

**Publicação Registada na D.G.C.S.**

122017

**Depósito Legal**

129192/98

**Diretora**

Fernanda Natália Lopes Pereira

**Paginação e Composição**

João Miguel Almeida Magalhães

**Redação e Impressão**Largo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões  
5140-222 Pombal CRZ  
Telef. 278 669 199 \* Fax: 278 669 199  
E-mail: [jornal@arcpa.pt](mailto:jornal@arcpa.pt)**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

**Colaboradores**Vitor Lima; Fernando Figueiredo;  
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras  
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João  
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos; Adriana Teixeira; Maria  
João Neto; Raúl Lima; Rui Magalhães; Fernanda Cardoso.  
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

**Preço**O jornal O POMBAL é gratuito para os  
residentes em Pombal de Ansiões

Assinatura Anual (Sócios)

Portugal: 8,00 Euros;

Europa: 18,00 Euros;

Resto do Mundo: 25,00 Euros

Assinatura Anual (Não Sócios)

Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;

Resto do Mundo: 35,00 Euros

**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);  
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;  
Papellaria Nunes  
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

# EDITORIAL



**Fernanda  
Natália**

Apetecia-me parafrasear Fernando Pessoa, com algumas alterações, e ter coragem para dizer “que bom é ter um editorial para escrever e não o fazer”. Mas, se me deixasse levar por esse caminho não estaria a cumprir com as minhas funções apesar de ser a opção mais fácil e, sobretudo, a mais agradável. Ao longo da vida aprendi que a vida é feita sempre de escolhas o que, se por um lado nos deixa imersos em algumas dúvidas e ambiguidades, por outro lado, acredito que é isso mesmo que dá um sabor especial a cada momento vivido. É a necessidade de termos de ponderar sobre as opções que se nos colocam que nos dá mais vitalidade e não nos deixa cair numa espécie de letargia e numa languidez pouco profícuas para quem deseja viver a vida na sua plenitude.

Fazem parte das opções que tomamos enveredarmos pelo narcisismo, o culto do eu, olharmos só para o nosso umbigo, ou darmos atenção ao outro, perceber, nem que seja pelo seu olhar, quando precisa de ajuda. E, mesmo a propósito, recordo a homilia que ouvi na “Missa de Celebração da Última Ceia”. Fomos alertados para o facto de muitas vezes percebermos que alguém deixou de frequentar a igreja mas não fazemos qualquer exercício mental para nos interrogarmos sobre qual o motivo por que tal aconteceu. Também na vida quotidiana isso é frequente. Muitos reparam mais depressa se aquela pessoa com quem se cruzam traz o cabelo em desalinho, se traz roupa de marca, se os sapatos condizem com o casaco. E, quantas vezes, essa mesma pessoa precisa é de uma palavra amiga, de alguém que saiba escutar sem condenar, que lhe deem uma orientação.

Num Mundo onde cada vez mais impera o individualismo, sou de opinião que, quando enveredamos pelo caminho que nos conduz à busca incessante da felicidade do outro, estamos a promover também a nossa própria felicidade. Porque, talvez ingenuamente, não acredito que alguém se sinta bem enquanto souber que outro alguém sofre. Ou haverá? Pior que isso é quando se promove a própria infelicidade do outro.

É importante que estejamos presentes, na vida dos que nos rodeiam, nos bons momentos para festejar e nos maus momentos para confortar.



# OURIVESARIA CARDOSO

de

**José Alberto Pinto Pereira**

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



**miravet**  
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA  
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA  
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta  
G Carmo



STIHL  
HONDA



**Ansiães** FM 98.1

*A Rádio do seu dia a dia !*

**RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.**

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: [www.ransiaes.sbc.pt](http://www.ransiaes.sbc.pt)

E-mail: [ansiaestfm@mail.telepac.pt](mailto:ansiaestfm@mail.telepac.pt)

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



**noratlântico**  
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

**peixe**  
mariscos  
ultracongelados  
vegetais  
conservas  
bacalhau sêco

**QUALIDADE \* VARIEDADE \* PREÇOS BAIXOS**

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

**CARRAZEDA DE ANSIÃES**

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



**Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!**



BORGES PINTO &amp; FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante  
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654  
Telefone 226 068 646  
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó  
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães  
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela  
Telef. 278 265 213  
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018  
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com  
Delegado Centro Sul (Coimbra)  
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº  
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**  
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.



## Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

## Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães)- NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - \_\_\_\_\_

MORADA - \_\_\_\_\_

LOCALIDADE - \_\_\_\_\_ CÓD. POSTAL - \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

PAÍS - \_\_\_\_\_

## SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

## NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No \_\_\_\_\_ BANCO \_\_\_\_\_

VALE POSTAL No - \_\_\_\_\_

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura - \_\_\_\_\_

Envie para: Jornal O POMBAL \* Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



## Dia Nacional dos Moinhos – Moinhos Abertos

A Rede Portuguesa de Moinhos tem como principal objetivo unir pessoas e instituições ligadas direta ou indiretamente aos moinhos, quer ao nível do seu estudo, *exploração, preservação ou promoção da reutilização dos mesmos*. Como o Município de Carrazeda de Ansiães integra essa mesma Rede, este ano também aderiu à iniciativa do “Dia dos Moinhos Abertos”, a qual decorreu no dia 6 de abril, enquanto no dia seguinte se celebrou o “Dia Nacional dos Moinhos”.

Os promotores deste evento conseguiram que nesses dias 216 moinhos em 90 núcleos moageiros e espalhados por 14 distritos em 44 municípios, abrissem, literalmente, as portas para que fosse possível vê-los a funcionar.

Esta iniciativa é deveras importante na medida em que para preservar é preciso conhecer. Por isso, para além de se tratar de uma iniciativa que visava dar a conhecer o património moageiro do concelho e, em simultâneo, servir de motivação para que cada vez mais as pessoas internalizem nos seus hábitos a visita ao património local.

Por outro lado, este “Dia dos Moinhos Abertos”, acabou por ser uma ótima oportunidade de visitar museus vivos e reforçar a ideia de que vale sempre a pena restaurar o património que se encontra degradado.

Em Carrazeda de Ansiães pôde visitar-se o Moinho de Vento e o Moinho de Água em Vilarinho da Castanheira. Duas estruturas diferentes ao nível de funcionamento mas ambas atraentes até pela beleza da paisagem que as envolve.

Fernanda Natália Pereira



## CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

**Câmara Municipal:**

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

**Bombeiros Voluntários:**

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

**Guarda N. Republicana:**

Telef. 278 610 020

**Centro de Saúde (Urgência):**

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

**Sta Casa da Misericórdia ( Lar de Idosos ):**

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

**Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento ):**

Telef. 278 617 736

**Farmácia Rainha:**

Telef. 278 616 250

**Farmácia Veiga:**

Telef. 278 617 119

**Caminhos de Ferro (Estação de Tua ):**

Telef. 278 685 177

**Direcção Regional de Agricultura:**

Telef. 278 616 361

**Escola de Condução:**

Telef. 278 616 278

**Escola E-B-2,3 ( Escola Secundária ):**

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

**Centro Regional de S. Social:**

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

**Conservatória Predial e Civil:**

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

**Cartório Notarial:**

Telef. 278 616 141

**Serviço de Finanças:**

Telef. 278 616 236

**Tesouraria da Fazenda Pública:**

Telef. 278 616 461

**Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):**

Telef. 278 669 315

**SERRALHARIA A NOVA**  
De: Albino Augusto Carvalho  
— FERRO E ALUMÍNIO —

Zona Industrial, Lote 6 \* Tel/Fax 278 615 268  
Tlfo: 917 601 847 \* 9140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES



Especialidades da Casa:

Carnes:

Veado, Javali, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante  
**CALÇA CURTA**

Telef. 278 685 255

5145-133 TUA

O NOVO  
**TALHO NOVO**



**talhonovo@hotmail.com**  
Carrazeda de Ansiães

Jornal “O Pombal” n.º 205 de 30 de abril de 2014

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 09/04/2014, lavrada a partir de folhas vinte e dois, respetivo livro de notas número setenta e três - C, **António Luiz Gonçalves**, NIF 175 722 935, e mulher **Maria de Fátima Ferreira Santos Gonçalves**, NIF 157 045 030, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia e concelho de Vila Flor, residentes na Rua Dr. João José de Freitas, nº 420, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na extinta **freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães**, ainda não descritos na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 794,24:

**Um) prédio rústico** composto de horta, vinha, oliveira, figueiras, sobreiros e pastagem de cabras, com a área de cinco mil e quatrocentos metros quadrados, sito no Carrafechal, a confrontar do norte com António Maria Magalhães, do poente com António Carvalho, do sul com António Gonçalves de Sá, do nascente com caminho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **785 da freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga** (anteriormente inscrito sob o artigo 359 da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 342,19, igual ao que lhe atribuem;

**Dois) três quartas partes indivisas de um prédio rústico** composto de terra de cereal, videiras, oliveiras e figueira, com a área de mil e oitocentos metros quadrados, sito nas Lameiras, a confrontar do norte com Maria Augusta Gonçalves, do poente com António José Costa, do sul com Salvador Monteiro, do nascente com caminho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **877 da freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga** (anteriormente inscrito sob o artigo 403 da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fracção de € 250,01, igual ao que lhe atribuem;

É comproprietária de uma quarta parte indivisa Palmira Ondina Rodrigues Cardoso Sequeira, casada com Manuel Afonso Sequeira sob o regime da comunhão de adquiridos, residente em Lisboa.

**Três) metade indivisa de um prédio rústico** composto de terra de cereal, videiras e oliveiras, com a área de seiscentos e oitenta metros quadrados, sito no Carrasqueiro, a confrontar do norte com Jaime Augusto Lima, do poente com José Manuel Prazeres, do sul com caminho, do nascente com Olívia Jesus Monteiro, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1092 da freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga** (anteriormente inscrito sob o artigo 510 da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fracção de € 202,04, igual ao que lhe atribuem;

É comproprietária de metade indivisa Palmira Ondina Rodrigues Cardoso Sequeira, casada com Manuel Afonso Sequeira sob o regime da comunhão de adquiridos, residente em Lisboa.

Que, entraram na posse dos indicados prédios, já no estado de casados, no ano de mil novecentos e noventa e três, por compra verbal a Adriano Rodrigues Cardoso, casado e residente em Miranda do Douro.

Que, deste modo não ficaram a dispor de título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, porém, desde o citado ano data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

09.04.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 205 de 30 de abril de 2014

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 09/04/2014, lavrada a partir de folhas vinte e cinco, respetivo livro de notas número setenta e três - C, **João David Ribeiro Gomes**, NIF 192 948 997, e mulher **Elisabete Adelaide da Costa Gomes**, NIF 219 510 881, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem em Arnal, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na **freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães**:

**Um) prédio rústico** sito no Chão de Laja, **freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães**, composto por terra de cereal, a confrontar a norte e a nascente com caminho, a sul com Cândida Júlia Alves e a poente com caminho e termo de Parambos, com a área de dois mil e cem metros quadrados, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 426**, descrito na conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número **dez mil seiscentos e trinta e oito do livro B vinte e sete a folhas cento e noventa e oito verso**, com aquisição de metade indivisa registada, a favor de Alzira Alves de Castro, também conhecida por Alzira Alves Ribeiro, conforme inscrição número quatro mil trezentos e vinte e nove com apresentação dois de treze de outubro de mil novecentos e sessenta e um, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 94,17, igual ao que lhe atribuem;

**Dois) prédio rústico** composto de terra de cereal, com a área de quatro mil metros quadrados, sito no Chão de Laja, a confrontar do norte com António Fonseca Júnior, do poente com caminho, do sul com Luis Carlos Teixeira, e do nascente com caminho, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **427**,

Jornal “O Pombal” n.º 205 de 30 de abril de 2014

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 21/04/2014, lavrada a partir de folhas quarenta e sete, respetivo livro de notas número setenta e três - C, **“Futebol Clube de Carrazeda de Ansiães”**, NIPC 502 139 331, com sede na Praça Lopo Vaz de Sampaio, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, devidamente representado declarou:

Que, com exclusão de outrem, a sua representada “Futebol Clube de Carrazeda de Ansiães” é dona e legítima possuidora de um **predio urbano** composto de campo de futebol com um barracão de um piso, com a área descoberta de seis mil setecentos e oitenta e sete metros quadrados e a superfície coberta de cento e seis metros quadrados, sito na Rua Marechal Gomes da Costa, **freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães**, a confrontar do norte com Alcino Pereira, do nascente com herdeiros de Júlio Sousa, do poente com rua e do sul com Guilherme Santos, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **995**, com o valor patrimonial e atribuído de cento e noventa e oito mil oitocentos e trinta euros, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães.

Que, o indicado prédio está na posse do referido **“Futebol Clube de Carrazeda de Ansiães”** desde o ano de mil novecentos e cinquenta e dois, data da sua constituição, por lhe ter sido doado verbalmente por pessoa que desconhecem e em data que não podem

com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 176,84, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do prédio indicado em Um) estar ali inscrito a favor da referida Alzira Alves de Castro, o mesmo é pertença dos justificantes na totalidade.

Que, adquiriram, *já no estado de casados*, os referidos prédios objeto desta escritura por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, em dia e mês que não sabem precisar do ano de mil novecentos e noventa e três, a Arlindo Fonseca, casado com Alzira Alves de Castro e residente em Paradelas, Pombal, Carrazeda de Ansiães.

Que, deste modo não ficaram a dispor de título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial a aquisição da propriedade dos identificados prédios, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios rústicos por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

09.04.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

precisar, mas seguramente há mais de cinquenta anos.

Que, deste modo a sua representada não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde seguramente o ano de mil novecentos e cinquenta e dois, data em que se operou a tradição material do mesmo, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como campo de futebol, cuidando-o, construindo nele um barracão para apoio ao exercício físico (balneário e lavandaria), fazendo as necessárias obras de conservação, e ainda utilizando e tratando da área descoberta, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

21.04.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 205 de 30 de abril de 2014

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 08/04/2014, lavrada a partir de folhas vinte, respetivo livro de notas número setenta e três - C,

**Fernando de Jesus Fonseca**, NIF 102 576 831, e mulher **Teresa da Conceição Araújo Fonseca**, NIF 110 798 104, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes na Rua Jerónimo Barbosa, nº 32, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **predio rústico** composto de terra de pasto para gado com sobreiros, com a área de dezasseis mil e cem metros quadrados, sito no Vale do Ladrão, **freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães**, que confina a norte com Manuel António Vandeira, a poente com João Albérico Gonçalves e outros, a nascente com Sabino do Espírito Santo Fonseca e a sul com termo da freguesia, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **2827**, com o valor patrimonial de € 21,10, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, *já no estado de casados*, em dia e mês que não sabem precisar mas seguramente por volta do ano de mil novecentos e oitenta e cinco, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública por óbito de Manuel António Fonseca, que foi casado com Olívia Meireles e residente na dita freguesia de Vilarinho da Castanheira, Pinhal do Douro.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

08.04.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 205 de 30 de abril de 2014

**CARTORIO NOTARIAL**

**da Notária Lic. Ana Maria Gomes dos Santos Reis**

**Alameda Nossa Senhora de Fátima número 8 em Macedo de Cavaleiros,**

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de Justificação Notarial lavrada neste Cartório Notarial no dia vinte e quatro de Abril de dois mil catorze, com início a folhas trinta e cinco do livro de notas DUZENTOS E SESENTA E OITO TRAÇO A, **CARLOS MANUEL PINTO CARVALHO**, (N.I.E. 167 035 789) divorciado, natural da freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente na Rua António Tomás Boto, nº85, 1., Dt.º, Cabeço de Moura, São Domingos de Rana, Cascais que se declara, com exclusão de outrem, dono e legítimo possuidor do seguinte:

**Um sexto indiviso de um prédio rústico** composto de terra de horta, trigo, centeio, lameiro e pinhal, sito no lugar de “Feital”, freguesia de **Parambos**, con-

celho de **Carrazeda de Ansiães**, inscrito na matriz sob o **artigo 287**, com o valor patrimonial total de 262,47 €, correspondente a fracção o valor de 43,75 €, a que atribuem igual valor, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número novecentos e setenta e seis, freguesia de Parambos.

Que apesar do citado prédio estar aí inscrito, um sexto a favor de João António Magalhães, casado, residente em Ribalonga, Carrazeda de Ansiães, pela Apresentação Quatro, de dezasseis de Maio de mil novecentos e quarenta, e cinco sextos a favor de Ricardo Manuel Figueiredo Carvalho, solteiro, menor, residente em Misquel, Parambos, Carrazeda de Ansiães, pela Apresentação Quatro de oito de Setembro de dois mil e oito, o mesmo é pertença do justificante, na indicada proporção, porquanto.

Em dia e mês que não pode precisar, mas que foi há mais de vinte anos, o justificante adquiriu o referido prédio, a proporção que se encontra registada a favor de João António Magalhães, por doação verbal da única filha do casal detentor do Registo Predial, Maria Delfina Magalhães, já falecida, aquisição que ocorreu por volta do ano de mil novecentos e oitenta e dois, aquisição que ocorreu ainda no estado de solteiro, tendo posteriormente casado com Maria Manuela Velez Carriço Carvalho sob o regime da comunhão de adquiridos, actualmente divorciado, que nunca reduziu a escritura publica.

Que deste modo, desde aquela data, o justificante passou a possuir o citado prédio, na indicada proporção, numa situação de comosse com o outro titular do registo, no gozo pleno das utilidades por ele proporcionadas, cultivando-o e colhendo os seus frutos, considerando-se e sendo considerado como seu único dono, na convicção que não lesava quaisquer direitos de outrem, tendo a sua actuação e posse, sido de boa fé, sem violência e sem oposição, ostensivamente e com conhecimento da generalidade das pessoas que vivem na freguesia onde se situa o prédio e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, continua e publica, desde há mais de vinte anos, conduziu a aquisição daquele prédio, da indicada proporção, por **usucapião** que expressamente invoca, justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo dado que esta forma de aquisição não pode ser provada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Está conforme o original, Macedo de Cavaleiros, vinte e quatro de Abril de dois mil e catorze.

O Colaborador da Notária por expressa delegação, André Miguel Alves Loureiro





## Inspeção de pulverizadores

A AFUVOPA vem por este meio, informá-lo que vai realizar sessões de **inspeção de pulverizadores** (de trator).

O decreto-lei 86/2010 de 15 de Julho, estabelece o regime de inspeção obrigatória dos equipamentos de aplicação de produtos fitofarmacêuticos autorizados para o uso profissional.

Desta forma, se o Sr. agricultor estiver interessado em realizar a inspeção ao seu pulverizador, queiram contactar a Direção da ARCPA (Pombal de Ansiães) ou a AFUVOPA (Carrazeda de Ansiães).

O pulverizador devidamente calibrado e inspeccionado poupa a carteira do Sr. agricultor e o ambiente.

Para mais informações contactar: 278 616 127



**Milton Fernandes**

Nasceu a 17/09/1974

Faleceu a 17/04/2014

## Faleceu

O Sr. Milton Fernandes, sócio n.º498, de 39 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.



**António Rogério Teixeira**

Nasceu a 20/03/1933

Faleceu a 27/04/2014

## Faleceu

O Sr. António Rogério Teixeira, sócio n.º 339, de 81 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.

## DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

### Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburger



## DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30  
5140-182 Parambos  
Carrazeda de Ansiães  
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233

E-mail: dapuri@hotmail.com

<http://docesdaपुरieetc.blogspot.com/>

<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



## DIA MUNDIAL DA POESIA

Apesar de todos os anos a Câmara Municipal organizar atividades para comemorar o “Dia Mundial da Poesia”, este ano tal efeméride foi completamente renovada e primou pela novidade e qualidade das atividades desenvolvidas. Assim, o dia 21 de março foi celebrado com muita poesia mas também com música e dança. Três estilos diferentes de arte mas que se uniram numa simbiose perfeita.

Durante o dia, quem tomou o seu café pôde acompanhá-lo com poesia tornando-o mais agradável ao paladar e enriquecendo culturalmente quem o sorveu, provando-se que a cultura não só se come, como dizia Natália Correia, mas também se bebe junto de um café revigorante do corpo e alma.

Durante o dia foram desfilando pelo palco

do CITICA idosos das diferentes instituições do concelho mas também houve o contributo, sempre de louvar, do público anónimo que ali se deslocou para participar das comemorações. Confidenciaram-nos alguns dos participantes que o nervosismo era muito pois era a primeira vez que pisavam um palco. Porém, a alegria que lhes fazia acelerar o bater do coração por terem oportunidade de participar era muito mais forte que o nervosismo que lhes causava algum tremor nas pernas. “O que custou foi começar”, diziam-nos, “depois até já apetecia ler mais outro poema”. Em abono da verdade é importante dar destaque a esta iniciativa não só porque permitiu que muitos idosos tivessem o seu “momento de glória”, porque nisto de subir a palcos já é coisa habitual nos mais jovens, mas porque também foi uma maneira de espicaçar a criatividade uma vez que muitos dos poemas eram originais.

A noite estava reservada para um espetáculo ainda mais solene, o qual teve início com a

atuação do “Grupo de Dança Contemporânea”, formado por executantes de alguma heterogeneidade em termos de nível etário o que deu origem a um espetáculo ainda mais atraente e variado. Tratou-se de uma estreia deste grupo que esperamos ver noutras performances pois evidenciam grandes potencialidades.

Seguiu-se a recitação de poemas pelas crianças e jovens da Academia Municipal de Música, acompanhados por música cujos executantes pertencem à mesma Academia. Os poemas ganharam um outro vigor com os pequenos trechos musicais e, a ter em conta os aplausos do público, foi uma aposta bem conseguida.

E as comemorações do “Dia Mundial da Poesia” terminaram com a atuação do “Grupo de Fados de Linhares” com o fadista Francisco Costa acompanhado à viola por Luís Carlos Trigo e à guitarra por Eduardo Costa.

**Fernanda Natália Pereira**



# Ainda e sempre a dívida



João Matos

Ultimamente anda a martelar na minha cabeça uma ideia bizarra capaz de resolver o nosso problema da dívida. Não é possível anular as medidas restritivas que já foram tomadas, ainda é necessário fazer reformas

nos serviços públicos que os tornem mais eficientes e diminuam as despesas correspondentes. Ficaremos, depois, com a necessidade de crescimento para aumentar o nível de vida. Mas, para isso, é preciso dinheiro e nós não o temos porque todo é necessário para pagamento da dívida (e juros), para além do pagamento do funcionamento normal do Estado. Claro que se houvesse investimento estrangeiro o problema da criação de riqueza ficaria, talvez, resolvido. Onde

poderá vir ele, no entanto? Não vislumbro. Além de que nós, como nacionais, veríamos diminuído o nosso papel no processo produtivo e mais e mais ficaríamos dependentes do estrangeiro. Daí não viria mal nenhum desde que passássemos a ter uma vida melhor. Também não vejo nacionais dispostos a aqui

investir, além de que estão descapitalizados. Por isso, eu vejo o decair da vida no interior cada vez mais inevitável porque o tipo de desenvolvimento possível exige dinamismo dos locais e o capital indispensável. Não vejo nem uma coisa nem outra. Apenas vejo o pedido compungente das pessoas no sentido de o Estado manter o que já nenhum sentido tem e de promover ele mesmo o desenvolvimento que os residentes não conseguem tomar em suas mãos.

Por outro lado, quando se defende a pe-

aparecer qualquer movimento nesse sentido. Adiante. Como as receitas do Estado vão todas para o funcionamento dos serviços e para o pagamento das dívidas e não chegam, os impostos não podem baixar e o Estado pouco pode fazer.

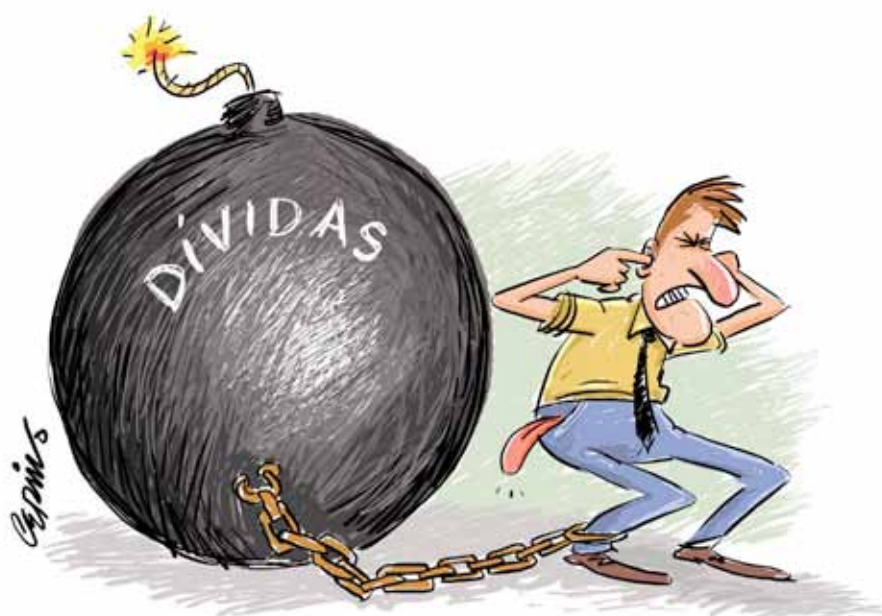
Como sair deste imbróglio? Aqui é que surge a minha ideia luminosa, dependente, no entanto, da anuência e concretização da União Europeia. Como a nossa moeda está muito valorizada em relação ao dólar, como alguma inflação, agora inexistente, estimularia o desenvolvimento

de toda a zona euro, seria, talvez, sensato que o BCE resolvesse emitir moeda, que distribuiria pelos Estados membros. A todos tornava os seus produtos mais concorrentes, com a desvalorização do euro, e a alguns permitia que pagassem uma parte substancial da sua dívida, libertando capitais para o crescimento. Não era necessário perdoar nada a ninguém e permitia o desafogo necessário à recuperação.

Não sei se esta ideia tem pernas para andar

e não sei se os patrões da Europa estão dispostos a isso. A não ser uma solução deste género, não descortino outra qualquer que nos tire deste sufoco.

João Lopes de Matos



quena propriedade sem futuro só se está a contribuir para que um dia tudo pertença a um grande proprietário nacional ou estrangeiro, desaparecendo, por completo, a pouca vida ainda existente nas aldeias. O redimensionamento exigido deveria ser posto em prática pelos residentes mas não vejo

**Decar, Móveis e Carpintaria**

Coveralls | Chãos | Balas  
Parquet | Lustrado | Banho | Tintas  
Trabalha todo o mobiliário por medida

Colégio Arcópio Alentejo

**278615060 | 961867993 | 912093010**  
Rua Trinta e Quatro n.º 74 | 5140-053 Carrazeda de Ansiães

**JMLIMA**  
sociedade de seguros

**José Lima**  
TM: 91 943 55 56  
jmlima.seguros@sapo.pt  
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196  
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953



## E os Vândalos (povo bárbaro) só cá estiveram de passagem...!

Desde sempre que o nosso país, mesmo antes da nacionalidade, se mostrou bastante atrativo para vários povos. Primeiro vieram os Fenícios, Gregos e Cartagineses que só estavam interessados em manter contactos comerciais; seguiram-se os Romanos que por cá permaneceram vários séculos, dando um inequívoco contributo para o desenvolvimento do território. Porém, seguiu-se uma vaga de invasões dos povos Bárbaros que se foram dispersando pela Europa, os quais eram conhecidos por serem bastante violentos, semeando morte e destruição por onde passavam. Dos mais violentos ficam-nos os relatos dos Vândalos e, tais foram os seus (fracos) feitos que o seu nome serviu para ficar *ad eternum* no nosso vocabulário para designar todos aqueles que pautam a sua vida por atos de selvajaria, danificando deliberadamente bens públicos ou privados, como monumentos históricos, por exemplo.

Consta, pois, que o território da então Hispânia não agradou aos Vândalos e apenas serviu de passagem para se irem instalar no Norte de África. Contudo, apesar, da sua permanência ser passageira tudo leva a crer que por cá deixaram os seus (maus) genes. A minha

dedução decorre dos atos de puro vandalismo que vamos assistindo um pouco por toda a parte. E, tais atos vão desde a profanação de cemitérios até à “simples” destruição de papeleiras. Ora, o nosso concelho não tem sido exceção a tais atos de vandalismo pois é frequente vermos os sinais de trânsito completamente torcidos. Aquele que mais recentemente ocorreu mostra a falta de princípios de quem comete tais atos. Refiro-me ao vandalismo perpetrado contra a escultura de homenagem aos ex combatentes da I Grande Guerra e Guerra do Ultramar. Esta escultura representa uma singela homenagem a todos quantos ao serviço da Pátria dispuseram da sua própria vida e, alguns deles ainda estão vivos e quero crer que o sorriso que se lhes via nos olhos aquando da inauguração desta escultura deve ter sido substituído pela tristeza de quem vê tanta falta de respeito por aqueles que foram, sem dúvida, uns heróis.

Trata-se de atos reprováveis porque nada os justifica a não ser que os seus atores sejam movidos pelo prazer doentio em destruírem o património público, sem qualquer pejo em violarem os deveres de um verdadeiro cidadão que vela pelos espaços públicos pois eles são de todos nós.

**Fernanda Natália Pereira**

## Feira do Folar e Produtos da Terra

Entre os dias 17 e 19 de abril decorreu mais uma Feira do Folar e Produtos da Terra, a qual conheceu, este ano, um novo espaço: o CITICA.

Estiveram ali expositores com os produtos que dão nome à feira: os folares, as compotas, as amêndoas, o pão regional/tradicional e algum bastante mais inovador, como seja o pão com chocolate ou com

frutos secos, o azeite, enchidos e o vinho.

Trata-se de uma iniciativa que pretende sobretudo criar oportunidades de negócio e fazer divulgação do que melhor o concelho tem em termos gastronómicos e que são tradicionais da época pascal.

A complementar este lado mais comercial e de divulgação dos produtos houve um variado programa cultural composto por espetáculos musicais, corais e dança folclórica, havendo sempre a preocupação de incluir a “prata da casa”, a qual já começa a granjear muitos admiradores.

**Fernanda Natália Pereira**



## Saúde: O bem maior!



# MEMÓRIA (PARTE DOIS)

**Eric Kandell** é um cientista judeu, que actualmente tem 84 anos e que ganhou o Prémio Nobel da Medicina em 2000 pelas



Maria João Neto

suas descobertas sobre a memória humana.

Quando tinha 8 anos em 9 de Novembro de 1938 Eric Kandel assistiu a um acontecimento brutal que nunca conseguiu esquecer apesar de ter tentado vezes sem conta: nessa noite o regime nazi da Alemanha deu ordem para as suas tropas destruírem todas as sinagogas e estabelecimentos comerciais judeus e invadirem as casas particulares de famílias judaicas, em várias localidades da Alemanha e da Áustria. Milhares de judeus foram conduzidos a campos de concentração e algumas centenas foram assassinados. Foi a **noite dos cristais** (nome dado por causa da destruição maciça dos vitrais das sinagogas e dos vidros das lojas e das casas, que atapetaram as ruas das cidades) e o início do holocausto.

O pai de Eric Kandell foi preso e toda a sua vida familiar destruída. A memória dessa noite ficou indelevelmente gravada na mente de Eric incluindo um carrinho de brinquedo azul, prenda do seu oitavo aniversário ocorrido 2 dias antes.

Este acontecimento fez com que Eric, posteriormente médico, naturalizado americano, cientista na área do sistema nervoso e da

mente, se dedicasse a descobrir a razão da impossibilidade de esquecer a **noite dos cristais**.

As suas experiências científicas descobriram que os factos ficam memorizados quando é sintetizada uma sinapse, simplificando é como se cada memória gravada fosse um microscópico braço que nasce dentro do nosso cérebro. Isto é, cada **memória de longa duração** tem existência real, ao contrário das **memórias de curta duração** que são luzes evanescentes. Por vezes as memórias de longa duração ficam tão bem gravadas que nada as consegue apagar!

Eric Kandell quis saber a razão que o impedia de esquecer e descobriu o modo pelo qual as memórias de curta duração se transformam em longa duração. Mas o que temos que fazer para que estes pequeninos braços nasçam, para que os factos fiquem memorizados?

Em primeiro lugar observar o acontecimento com precisão; depois analisá-lo, relacioná-lo e classificá-lo, finalmente repeti-lo. Exemplificando: queremos memorizar uma festa ou uma viagem ou uma aula. Chegamos a casa e tentamos lembrar todos os pormenores observados e ouvidos; logo a seguir escrevemos o que lembrámos ou contamo-lo a alguém (se vivermos sozinhos podemos contar tudo ao gato!) Pesquisamos nos livros ou na internet ou na lembrança de outros as explicações para os nomes e significados.

De preferência damos – lhes uma

relação emocional, por exemplo cómica ou triste ou surpreendente. Se for uma pessoa que conhecemos pela primeira vez, tentamos saber tudo acerca dela, nome, profissão, interesses, morada, família, viagens, a cor dos olhos e cabelos, a conversa que travámos, etc.

Repetimos esta história ou este número as vezes necessárias para que fique gravada. Não conhecemos pessoas que naturalmente contam histórias sobre tudo o que viveram e que nos entretêm sem fim? Principalmente pessoas mais velhas? Estão a utilizar um método ideal de memorização.

**É preciso saber uma coisa sobre a memória humana:** ao contrário da memória de um computador, que é fixa e inamovível, sempre que nos lembramos de um episódio, o nosso cérebro modifica ligeiramente os factos. Nós introduzimos pormenores que lá não estavam e que já são acrescentos do que entretanto aprendemos. Já notaram que o mesmo acontecimento contado por pessoas diferentes também é diferente? Foi a personalidade do nosso cérebro que o moldou! Pode confirmar-se que **quem lembra um conto, acrescenta um ponto. ..**

As emoções também influenciam muito a nossa memória, por um lado facilitando a memorização como anteriormente referi; por outro as emoções que vamos sentindo ao longo da vida, são gravadas de forma automática num núcleo que se chama a **amígdala cerebral**.

Esta memória emocional será

utilizada por nós, também de forma automática para tomarmos decisões fulcrais na nossa vida. Segundo o neuro-cientista português António Damásio as decisões humanas são tomadas tendo em conta dois parâmetros: **a análise racional e a memória emocional**, que nos diz (de forma inconsciente) se as consequências das hipóteses racionais são boas ou más.

Nunca sentiram sem saber porquê, uma aversão ou uma simpatia por alguém que acabaram de conhecer? É este tipo de memória que está em acção.

Finalmente vamos falar no **esquecimento** para dizer que se ele não existisse, não teríamos memória. São duas faces da mesma moeda. Ao contrário do esquecimento patológico, que é raro, o esquecimento normal é imprescindível e muito comum. Há muitas explicações: começa logo na memória de curta duração, de que são raros os factos que ficam gravados. Mesmo memorizados, existem factos que desaparecem só porque não os usamos; outros porque são tão penosos e terríveis que a sua recordação nos causa dano.

Muitos são lembrados só algum tempo depois porque precisamos de “encontrar o fio à meada”, etc. Como Virgílio Ferreira diz **Não te queixes tanto das falhas de memória. Porque se soubesses tudo o que soubeste, não te poderias mexer. E então é que não terias nenhuma.**



# Vai uma rifa, cidadão ?



Fernando Gouveia

Vive mos numa época em que toda a certeza se perdeu, as apregoadas justas expectativas são só para quem

pode fazer valê-las na cumplicidade com o poder ou com a força que resulta de posições de domínio. Os cidadãos perderam há muito a segurança do emprego, a garantia de direitos, a segurança das suas pessoas e bens, o futuro dos filhos e netos e, agora, até a confiança da magra pensão de reforma.

No Estado liberal é cada um por si, o governo passou a ser o coveiro das certezas e o arauto da liberdade – interessante como até nos roubaram a segurança das palavras – liberdade do capitalismo selvagem e das máfias que ganharam raízes no cadáver do Estado.

Não sei onde foi a administração fiscal buscar a ideia dos sorteios de automóveis de gama alta para levar os cidadãos a tornarem-se fiscais da cobrança do IVA. Já vi escrito com alguma ponta de ironia que a administração fiscal passou a ser uma administração pimba. A degenerescência das instituições é de tal ordem que um dia destes acordaremos a pensar se ainda há Estado, ou se a aparência de Estado é apenas uma corja de capatazes ao serviço de meia dúzia, ou, vá lá, de algumas centenas de grupos monopolistas, que utilizam esses capatazes para sugar os restos dos povos, numa ânsia de concentração de riqueza que só pode levar ao abismo coletivo.

Para além deste panorama político global, há em cada um dos países, como agências duma mesma ideologia, algumas particularidades que se manifestam no dia-a-dia dos cidadãos. A perda de certezas e de justas expectativas leva muitas vezes ao

desespero que se manifesta das mais variadas formas: há os que desistem, há os que deitam mão de qualquer expediente, há os que lutam contra a corrente, há os que bajulam o sistema. São tudo sinais do mesmo desespero. Mas há quem aproveite. Um desesperado

os últimos centimos que tem em casa ou fazendo-o do telefone do emprego, na esperança última de ganhar um mirífico prémio que lhe abre as portas da felicidade.

Quem chega a Portugal e vê os canais abertos da nossa televisão

os operadores privados como a RTP entregam-se a esse jogo indecoroso de espoliação das franjas mais vulneráveis da sociedade, aquelas que, por estarem isoladas, estão mais dependentes desses vendedores de banha da cobra, extorquindo-lhes, mediante uma apresentação enganosa e perversa, os magros tostões de reformas ou os pequenos mealheiros destinados ao essencial. É isto a liberdade do liberalismo: deixar fazer, não regular nem para impor a proteção dos mais fracos nem limitar a aldrabice pegada duma publicidade agressiva, quase assédio psicológico.

Não sei como se chama essa forma de espoliar cidadãos fragilizados. Parece que lhe chamam, nuns casos, programas interativos, noutros casos, serviços prestados à distância, chamadas de valor acrescentado e outras habilidades. Lembro-me que, num país que ainda merecia esse nome, as rifas, lotarias privadas e outras formas de recolha de dinheiro do público eram um privilégio do Estado, que o cedera à Santa Casa da Misericórdia como forme de alimentar obras sociais. Agora, o apetite do jogo é canalizado para encher os bolsos das televisões, para lhes alimentar os programas mais manhosos e mais alienantes.

Administração fiscal e programas de televisão passaram a fazer concorrência aos quiosques e aos vendedores de cautelas. Os correios já nos vendiam livros e coleções, mas passaram também a vender jogos.

Previna-se quem quer que tenha dirigido-se a um serviço público ou concessionado. Não estranhe que, ao dirigir-se a um balcão da Finanças, a uma estação de correios ou até ao banco de urgências, em vez do tradicional bom dia, seja recebido com o moderno pregão: vai uma rifa, cidadão?

Fernando Gouveia



pode aceitar um trabalho por uma côdea de pão ou uma malga de sopa, pode dispor-se a fazer um trabalho sujo de encomenda, pode fugir para longe ou suicidar-se no isolamento mais absoluto; mas pode também telefonar para um programa de televisão, gastando

pensará que chegou a um casino. Os programas da tarde passam seguramente metade do tempo de antena a pressionar os espectadores para o telefonemazinho que vai mudar a sua vida por apenas...sessenta centimos. Já não há diferença entre operadores: tanto

# PARAQUATO: UM HERBICIDA MUITO PERIGOSO!



Catarina Lima

## Definição

O Paraquato é uma substância tóxica, cáustica e irritante usada como herbicida (composto capaz de danificar plantas, impedindo o seu crescimento). É comercialmente conhecido como **Gramoxone®**.

Quimicamente é um composto de amónio quaternário usado sob a forma de sal que foi sintetizado pela primeira vez em 1882, apesar de as suas propriedades herbicidas só terem sido descobertas em 1959. Tem um aspeto sólido, branco, inodoro e insípido e a dose letal mínima nos humanos é, aproximadamente, 35mg/Kg de peso corporal.

É um herbicida de contacto não seletivo e

um dos tóxicos pulmonares mais conhecidos sendo por isso sujeito a intensas investigações. Atualmente é o mais comum dos herbicidas em todo o mundo, capaz de provocar intoxicações maioritariamente por ingestão oral. Em situações de envenenamento tem uma mortalidade elevada, o que levou à sua retirada do mercado e restrição no seu uso em alguns países. Apesar disto, ainda é comercializado em muitos outros sem qualquer controlo.

## Tipos de exposição

O paraquato pode ser comercializado sob a forma de sprays, líquidos diluídos, pós e geles.

Existem dois tipos de contaminação por este herbicida:

### Contaminação accidental :

- ingestão;
- inalação;
- contacto dérmico (através da pele).

### Contaminação intencional (tentativa de suicídio):

- ingestão (forma mais rápida de contaminação, já que as outras formas necessitam dum tempo de contacto mais prolongado. Só provoca a morte se ingerido em doses muito elevadas.);
- injeção (raros casos descritos).

Os casos mais graves de envenenamento verificam-se após ingestão, visto que a inalação e o contacto através da pele não são suficientes para o paraquato atingir os locais do corpo onde exerce o seu efeito. No entanto, uma vez em contacto com qualquer parte do corpo, ele irá exercer irritação e inflamação (inchaço, dor,

sensação de queimadura), provocando lesão dessa zona, ainda que possa não ser grave.

## Armazenamento

O paraquato deve ser conservado em local ventilado e bem fechado, separado dos alimentos e protegido das crianças. Sendo uma substância tóxica para os organismos aquáticos, podendo causar efeitos a longo termo no ambiente, deve ser eliminado sempre de acordo com as instruções e nunca em rios e cursos de água.

## Diagnóstico e Tratamento

Antes de ser prescrito um tratamento para pessoas intoxicadas com paraquato, deve-se reconhecer o quadro clínico característico das intoxicações por estes compostos, estabelecer um diagnóstico e realizar testes no sangue e urina que confirmem o diagnóstico, caso necessário. Na forma concentrada, o paraquato provoca lesões nos tecidos com os quais contacta; é fracamente absorvido através de pele saudável, mas através da pele danificada a sua penetração é muito maior. Com o intuito de evitar a ingestão accidental deste composto inodoro e insípido, as empresas que o produzem adicionam-lhe substâncias com mau cheiro, eméticos (que fazem vomitar) e corantes (normalmente verdes). A toxicidade deste herbicida deve-se, particularmente, aos seus efeitos sistémicos, isto é, aos danos que a substância provoca nos sistemas do organismo. Assim, se ingerido em quantidade suficiente, o paraquato tem efeitos muito severos no trato gastrointestinal, rins, fígado, coração, pulmões e outros órgãos. A intoxicação sistémica pode-se identificar em 3 fases:

Fase	Características
Primeira Fase	Inflamação, edema e ulceração das mucosas da boca, faringe, estômago e intestino. Perfuração do esófago e inflamação do pâncreas com dor abdominal intensa. Estas manifestações não são necessariamente imediatas, podendo aparecer após 24h. Existem casos fatais em que a morte ocorre sem lesões orais no momento da consulta inicial.
Segunda Fase	Danos hepáticos (fígado), renais e musculares, incluindo necrose (morte dos tecidos) em alguns casos. Aparece nas 24 a 28h seguintes e manifesta-se por quadros de insuficiência hepática, renal e cardíaca.
Terceira Fase	Lesão pulmonar que se evidencia após 2 a 14 dias da ingestão do tóxico. Os espaços entre os alvéolos pulmonares são infiltrados por hemorragia, líquido e leucócitos. A morte advém como consequência de um severo deterioramento das trocas gasosas que ocorrem normalmente no pulmão (dióxido de carbono por oxigénio) que provoca a morte dos tecidos por falta deste último.

O tratamento deve ser iniciado o mais brevemente possível, na tentativa de evitar/prevenir a absorção gastrointestinal de paraquato. No entanto, não existe um antídoto no caso de um envenenamento por paraquato.

Assim as medidas mais eficazes são as seguintes:

- Lavagem do estômago, seguida de administração de carvão como adsorvente, para impedir que o paraquato que ainda esteja no sistema digestivo seja absorvido;
- Hemoperfusão (filtração do sangue), o que permite reduzir as concentrações sanguíneas de paraquato, quando a absorção deste já teve início.

Uma vez acumulado nos pulmões, é muito difícil fazer alguma coisa para alterar ou diminuir a sua toxicidade.

## O que fazer em caso de...

- **Contacto com os olhos**– lavar imediata e abundantemente os olhos com água corrente. Consultar um médico o mais rápido possível.



- **Contacto com a pele**– lavar imediatamente a área com água corrente. Se houver contacto com o vestuário, retirar imediatamente todo o vestuário contaminado e lavar a pele com água. Se persistir alguma irritação após a lavagem,

consultar um médico.

- **Inalação**– levar a pessoa para um local ao ar livre. Caso tenha havido paragem respiratória, fazer respiração artificial. Consultar o médico o mais rápido possível,

mantendo a pessoa aquecida e em repouso.

- **Ingestão**– se a pessoa estiver consciente, dar-lhe imediatamente grandes quantidades de água e provocar o vômito. Se a pessoa

estiver inconsciente chamar um médico imediatamente, tal como no caso anterior.

Escala de dose-efeito nos casos de ingestão de Paraquato:

### Doses

### Efeitos e prognóstico

**Menos de 20 mg/kg de peso corporal (menos de 7,5 ml do concentrado de paraquato a 20%)**

- \* Intoxicação leve
- \* Manifestações gastrointestinais (vômito e diarreia)
- \* Alteração transitória das provas funcionais respiratórias
- \* Há possibilidade de recuperar

**20 a 40 mg/kg de peso corporal (7,5 a 15 ml do concentrado de paraquato a 20%)**

- \* Intoxicação moderada a severa
- \* Sintomatologia gastrointestinal, falha renal, alteração hepática e problemas pulmonares
- \* Morte em 2/3 semanas por fibrose pulmonar

**Mais de 40 mg/kg de peso corporal (mais de 15 ml do concentrado a 20%)**

- \* Intoxicação aguda fulminante
- \* Manifestações gastrointestinais (úlceras na boca, perfuração esofágica, vômito, diarreia)
- \* Falha de diversos sistemas de órgãos
- \* Coma e convulsões
- \* Morte num período de 1 a 7 dias

### A produção e o uso do paraquato como herbicida

A produção mundial inicial de paraquato nunca foi sujeita a avaliação; sabe-se, no entanto, que foi fabricado em vários países tais como a China, Itália, EUA e Reino Unido.

As formulações com ingredientes ativos foram usadas em mais de 130 países. O dicloreto de paraquato tem sido tecnicamente produzido na forma de concentrados líquidos ou granulados. Os grânulos de paraquato que são solúveis em água ainda são usados no controlo das ervas daninhas em jardins particulares.

Ao longo dos anos têm sido utilizadas quantidades consideráveis de herbicidas, sendo o paraquato um exemplo claro desta realidade desde a sua introdução em 1962. No início da produção de herbicidas, o controlo da toxicidade não foi rigorosa, facilitando a sua introdução no mercado.

Atualmente, com as novas técnicas de análise, é possível verificar que muitas destas substâncias, que julgávamos não apresentarem riscos para a saúde, têm potencial mutagénico, teratogénico ou carcinogénico.

### Paraquato em Portugal e no mundo

Desde 2003 que a comercialização deste herbicida é **proibida** na União Europeia e, consequentemente, em Portugal; apesar disto, ainda é possível encontrar várias formula-

ções contendo paraquato à venda em alguns estabelecimentos. Apesar do seu potencial cancerígeno e da sua elevada toxicidade, continua a ser um dos herbicidas mais utilizados a nível mundial, sendo vendido em mais de 130 países.

### Alguns conselhos para evitar intoxicações acidentais:

- Guarde os medicamentos e outros produtos químicos (produtos de limpeza, pesticidas, tintas, petróleo, diluentes) fora do alcance das crianças e não deixe abandonadas embalagens de pesticidas destapadas, vazias ou vasilhas com resto de produto;

- Não utilize embalagens vazias para guardar outros produtos, guarde-os nas suas verdadeiras embalagens; feche as embalagens usadas e guarde os produtos imediatamente após o uso;

- Leia as instruções de aplicação com cuidado e aplique os produtos dentro das regras de segurança, principalmente quando usar pesticidas, produtos corrosivos, tira nós e vernizes;

- **A calma é muito importante:** não se precipite, mas não perca tempo; tenha o número do **Centro de Informação Antivenenos(CIAV)**, do INEM, perto do telefone: **808 250 143**

### Paraquato e Parkinson

O paraquato tem uma estrutura similar à de um composto indutor da doença de Parkinson. Este pesticida acumula-se nas células nervosas, o que pode estar associado a toxicidade para os neurónios.

A exposição ao paraquato não ocorre isoladamente mas em conjunto com vários outros factores de risco, incluindo compostos químicos ambientais. O cérebro pode compensar rapidamente os efeitos de um composto químico individual que afecta um sistema particular deste órgão. Contudo, quando o alvo é múltiplo ou quando os locais funcionais de um sistema são atacados por diferentes mecanismos, o sistema não é capaz de se regular, daí resultando um dano permanente.

Baseado nestas considerações, exposições recorrentes a vários pesticidas que têm como alvo o sistema nervoso, mas que atuam por diferentes mecanismos pode levar a uma neurotoxicidade mais significativa.

### Bibliografia

- \* Cassaret & Doull's (2001), *Toxicology, The Basic Science of Poisons*; 6ª edição; McGraw-Hill
- \* U. S. Department of Health and Human Services, (1978), *Occupational Health Guideline for Paraquat*
- \* Serna, A.; Domingos, F.; Prata, M. (2003), *Paraquat Intoxication*; Acta Médica Portuguesa; Jan - Fev, 16; p. 25-32
- \* <http://www.cdc.gov/niosh/ipcsnfrn/nfrn0005.html>
- \* [http://www.ninds.nih.gov/disorders/parkinsons\\_disease/](http://www.ninds.nih.gov/disorders/parkinsons_disease/)

# Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

## O que é a “Nação” e o que é o “Estado” ?

Por **NAÇÃO**, deve entender-se, basicamente, um determinado Território, no qual existe uma dada População, que se identifica por alguns elementos culturais comuns, como sejam a língua, os costumes, as tradições, etc.

Depreende-se, naturalmente, que a População (as pessoas), é o elemento mais valioso deste conjunto, sem o qual, praticamente, os outros não tinham sentido.

Há muitas Nações ou **Países**, devidamente identificados e reconhecidos que, por várias razões, que normalmente lhes são alheias, nunca chegaram a ter um Estado que lhes corresponda e que os represente na cena internacional. Exemplo actual: o Curdistão, território com uma identidade própria, mas que se encontra repartido por alguns países do Médio Oriente (Turquia, Síria, Iraque e Irão). Há também Estados que têm no seu seio vários povos. Por exemplo, Espanha. Tem acontecido até que a criação do Estado antecedeu a existência de uma Nação com Território efectivo, como aconteceu com a fundação do Estado de Israel na Palestina, em 1948, quando não existia ainda ali uma população judaica significativa e só depois veio a estabelecer-se.

Pelo exposto, vê-se que, nem sempre, à definição de uma Nação corresponde, necessária e sequencialmente, o estabelecimento de um Estado.

Então, o que é o **ESTADO**? De uma forma simples, diz-se que

“é a Nação politicamente organizada”, ou seja, a maneira como nela se estrutura e exerce o poder político. Por isso, há Estados que são Repúblicas ou Monarquias, sistemas democráticos ou autoritários, etc. Em qualquer caso, as instituições do Estado devem ser o suporte ajustado da forma de poder político vigente e constituir uma realidade dinâmica.

Assim, pelo que já se referiu, a Nação devia anteceder o Estado e este devia, logicamente, emanar da constituição ou reconhecimento da Nação, para bem a gerir. Mas as circunstâncias históricas têm impedido que esta correspondência se concretize e se faça sentir com normalidade. Todos sabemos como a colonização e a descolonização tiveram pouca preocupação e respeito por salvaguardar a realidade dos povos existente no terreno, e se regeram mais por interesses dos próprios colonizadores e de outros agentes internacionais para traçar e estabelecer as fronteiras dos Estados que daí resultaram. Mas, antes da colonização europeia, também foi assim na própria Europa. Por isso é que temos, por exemplo, Portugal e a Galiza, tão culturalmente semelhantes, a pertencerem a Estados diferentes, devido mais ao curso da História do que resultado de uma base racional.

Impunha-se a clarificação mínima e simplificada destes conceitos, para que se possam fazer algumas considerações acerca de aspectos com eles relacionados.

É sobretudo acerca das **Funções do Estado** que existem as maiores divergências existentes na nossa e noutras sociedades.

Enquanto os liberais defendem um Estado mínimo, limitando muito as suas funções ou tendo destas uma visão minimalista, deixando assim um largo e extenso campo à iniciativa privada, e reservando para o Estado um papel de regulação e de fiscalização; os socialistas e social-democratas atribuem ao Estado um papel mais interventor, sendo ele próprio empreendedor e funcionando como garante de uma maior justiça social e de equilíbrio na distribuição de rendimentos. Basicamente, estas duas perspectivas têm caracterizado as formas de governação no Ocidente, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, exceptuando os períodos de ditadura em vários países, designadamente em Portugal. Nestas, é o Estado que se torna forte e onnipresente, tendendo para o totalitarismo.

Há que ter também em consideração que, mesmo em democracia, quando no poder, por circunstâncias diversas e devido até a condições externas, os partidos que representam estas duas formas predominantes, se tornam irreconhecíveis pela maneira como gerem o Estado e não se apresentam como verdadeiras alternativas, fazendo até coligações de Governo entre si.

Também o vocabulário usado nem sempre se revela ajustado e

muitas vezes é manipulado. É frequente ouvir aos liberais o *slogan* “Menos Estado, melhor Estado”, o que até podia parecer lógico para a sua perspectiva de um Estado mínimo, mas que raramente corresponde a uma forma de actuar, acontecendo mais a redução e o enfraquecimento do Estado perante outros interesses do que a modernização do aparelho de Estado para este servir melhor. O mais escandaloso e incoerente é, sobretudo, quando dizem mal de tudo o que é Estado e não largam a ilharga a todas as vantagens que dele podem usufruir, não sendo sequer funcionários e não tendo por eles qualquer respeito. A estes, vêem-nos mais como seus servidores directos do que das instituições que lideram e que pertencem, elas sim, ao Estado. O Governo actual é, em meu entender, após o 25 de Abril, o que melhor encarna este posicionamento. Vende património ao desbarato, desarma o Estado de elementos estratégicos de decisão nacional, apresenta e trata os funcionários actuais e antigos como um peso que custa dinheiro, dá incentivos e proporciona a gente da sua área e influência elementos essenciais que, na posse do Estado, deveriam dar garantias de melhor salvaguarda do bem comum e de uma melhor acessibilidade à maioria dos cidadãos, etc., etc.

Por outro lado, a alternativa política, quando é clara, consiste em manter no Estado bens e instrumentos, que lhe permitam exercer



uma acção mais abrangente em favor de mais amplas maiorias, não alienar determinadas áreas de decisão nacional e apoiar serviços que proporcionem mais bem-estar e equilíbrio social.

De facto, a diferença essencial consiste em ter ou não uma visão mais profunda e alargada do que são as principais **Funções do Estado**: Legislar, Defesa da soberania, Segurança, Justiça, Saúde, Educação e Cultura.

Como se vê, estas funções não se esgotam no exercício da governação. O Estado vai além do Governo da ocasião. Mas, na gestão do Estado, não é indiferente o Governo que ganha o direito a exercê-la. Por isso, há luta política e os cidadãos, em quem reside efectivamente esse poder, quando votam, devem ter presente o que preferem e exigir depois que quem ganha cumpra. Votar é o mais simples; fiscalizar os actos da governação é mais difícil e complexo, mas é um exercício de cidadania.

Se o Estado abdicasse das suas funções essenciais, não seriam necessárias instituições públicas e agentes para as fazerem funcionar. Tudo ficaria ao arbítrio dos interesses instalados ou a instalar. Quanto menor fosse a presença do Estado e dos seus órgãos reguladores, maior e mais intrincada seria a selva daqueles interesses.

Quem tem pouca simpatia pelo Estado e das suas funções uma visão minimalista, quando lhe interessa e não tem argumentos para mobilizar ou para se justificar, frequentemente usa a expressão de que “todos somos Estado” ou que “o Estado é de todos nós”, sendo uma maneira de a todos querer comprometer e submeter, perante políticas seguidas, boas ou más, mas sempre discutíveis. Nessa acepção e pelo que acima se referiu, vê-se que tais expressões são falaciosas e revestem-se até de um carácter totalitário. Se assim fosse, tanto fazia, independentemente do tipo de Estado ou de Governo que tivéssemos! Ou seja: quando não há identificação com essas políticas, há que estar contra

e agir em conformidade, muitas vezes para defesa do que são os princípios em que assenta o próprio Estado. Estes princípios é que devem ser objecto de negociação e de fixação em documentos fundamentais, como a Constituição, entre todas as forças representativas dos cidadãos nacionais.

Aos defensores e pregadores do unanimismo apetece dizer que o tempo da União Nacional de Salazar já passou há muito e que mesmo esse partido era bem selectivo na escolha dos seus membros, apresentados como o fermento que havia de levedar a massa informe e inculta.

É como dizer que todos somos responsáveis pela crise. Todos, para que haja uma diluição e não seja apontado ninguém? Esta crise foi criada pela voracidade insaciável do capitalismo financeiro internacional e, como este domina, directa ou indirectamente, o poder político dos países, impôs-lhe regras para que o sistema se reabilite à custa dos que nada tiveram a ver com isso e foram, desde logo, suas vítimas. Tudo estava a ser preparado desde a terrível década de 80, na qual pontificaram Ronald Reagan e Margaret Thatcher, apóstolos do

liberalismo sem freio, que tanto entusiasmou incautos e aderentes a modas requeentadas do século XIX, que desembocaram na Primeira Guerra Mundial e remotamente levaram à Segunda, mas que lhes foram apresentadas como novas, inocentes e avançadas. Temos por cá muitas, mas fracas réplicas desses discípulos, porque não sabem o que representam e do que falam. Mas algumas delas estão a destruir o frágil tecido económico e social do país, com o patrocínio e a bênção de um Presidente da República, que oscila e se contradiz em tudo o que for preciso, parecendo que só a sua própria carreira política e imagem futura lhe interessa. Dispensamo-nos de apresentar exemplos, infelizmente tantos e tão clamorosos! Desde o princípio, este responsável máximo, nada fez para unir os Portugueses. Só apela a acordos de circunstância, sem conteúdo e sem uma perspectiva nacional!

A propósito: Por que é que temos de nos resignar a este tipo de políticas nos próximos 20 a 30 anos? Quando vier a próxima crise ou outros episódios desta, o que é que ainda sobra do Estado para vender? Também já não vai resultar extorquir mais aos fun-

cionários, porque estes serão cada vez menos menos e já nada hão-de ter para extorquir (o termo é do primeiro-ministro do Governo extorquidor). Nem sei se os extorquidores ainda poderão sê-lo! De quê?

O problema está em que, nas mais diversas profissões e para exercer determinadas funções, as pessoas instruem-se e fazem formação. O próprio Estado o exige. Todavia, para desempenhar cargos políticos, mesmo os mais elevados, não há essa exigência. É claro que se aprende pelo exemplo, mas, por aí, temos ido de mal a pior... Quando nos lembramos que até os “divinos” faraós egípcios, há milhares de anos, eram preparados pelos seus progenitores para governar, treinando e corrigindo práticas... por onde nós andamos!

Ressalvem-se honrosas excepções de gente competente, que não desiste, e que dá tudo e pouco procura e recebe em troca.

Termino, com um desabafo, que é também um grito:

Tendo sido há apenas 40 anos...

Já mal me lembro do 25 de Abril!







# SEJAM BEM VINDOS A CARRANSIÃES



Manuel Pinto

Aqui na nossa aldeia, a vida vai seguindo o seu ritmo. Em tempo de Quaresma, temos que respeitar as tradições e os

sábios conselhos do nosso padre, observando o jejum e abstinência. Infelizmente para alguns já é um hábito que se repete, com a desculpa da crise, os governantes, governam-se e fazem pela vida. Os outros, o povo que trabalhe e são milhares que gostariam de trabalhar e não têm onde. Depois os funcionários públicos e os aposentados são os que mais descontam, para o Estado, o patrão. E, alguns até acham graça. Dizem os economistas que a saída para a crise, devia ser acompanhada de um programa cautelar, mas este Governo não aceita e como diz o ditado: - Quando o mar bate na rocha, quem se cose é o mexilhão.

A nossa aldeia vai ter neste mês de Abril, uma visita especial. Bom, não falo na chuva e no frio, que estão a acompanhar esta Primavera e a estragar a fruta, como a cereja e outras árvores floridas. Chove e faz frio, assim a Natureza castiga os homens que dela se esquecem. A poluição é enorme e os países falam, falam, mas pouco ou nada fazem e não se preocupam. Depois, chegam os Invernos rigorosos, neve e cheias,

tornados e milhares de contos de prejuízos. A neve cai, onde nunca caiu e outros fenómenos que a mãe Natureza oferece.

Dizem os meteorologistas que há condições para o Inverno ser cada vez mais rigoroso e o Verão muito quente. Para esquecer todas estas tragédias naturais, há os programas culturais cá do sítio e vamos falar de coisas boas.

Quando o tempo da Quaresma termina e o calendário anuncia o Domingo de Páscoa, os sinos da torre da igreja, acordam em aleluia e repicam com alegria. Já é tempo de provar aquela bola de carne que foi preparada no forno comunitário. Sacos de farinha, dúzias de ovos, presuntos e salpicões e carros de lenha para o forno, que sábias mãos manobram. A rotina é diária, nesta semana que antecede a Páscoa. São conhecidos os "Folares" da minha aldeia, bolas de carne, bolas doces e biscoitos que fazem sonhar quem os come e deslocar a gente da cidade, que aprecia este manjar gastronómico, que acontece uma vez por ano e nesta época festiva. Há a chamada Semana do Folar, uma organização com sucesso. Pois a capital do folar, já sabemos que é no vizinho concelho de Valpaços, terra de políticos que são conhecidos pelas "aventuras": um fugiu do país e agora volta. Sonha em ser o maior, e a jovem presidente da Assembleia da República - nesta

República de bananas - conquistou o direito a uma pensão dourada, paga do bolso de todos nós, os contribuintes,

Há paz e alegria na minha aldeia, uns partem para a eternidade e deixam a família, os amigos, os bens terrenos. Outros, deixam a família, os amigos e partem para outros países, outras culturas, em busca de trabalho, que lhes dê o direito a uma vida digna e ao pão nosso de cada dia.

O Sol já veio para ficar e nem mesmo a ameaça de trovoadas, faz com que os campos se alegrem, as flores das cerejeiras, das laranjeiras, macieiras e outras árvores de fruto, dão beleza e vida à paisagem. E, como é bela e grandiosa a nossa paisagem, classificada pela UNESCO, Património da Humanidade, o Douro e Vale do Tua.

Aqui, junto à foz do Rio Tua, continua em bom ritmo, a obra da construção da barragem que a EDP, teima em concluir, contra tudo e contra todos. O Governo quer, teima e tem força para impor a sua vontade, mesmo que mais tarde reconheça que foi um erro.

E, como errar é humano. Com este pensamento saíram mal tratados, todos os que aceitaram o desafio de caminhar no Vale do Tua. O responsável, zelosamente traçou, sentado confortavelmente, no banco da carrinha, o percurso que outros, os participantes, iriam fazer a pé. Conclusão de génio: -

Distância: - 12,5Klm. Dificuldade: - Fácil. Direcção: - Fraca e nula, com muitas queixas e críticas. Outras iniciativas, esperadas com elevado grau de desconfiança. Então que podemos fazer, para que uma "Rotunda" recentemente inaugurada, de acesso à cidade e vila de Carrazeda, esteja em tão mau estado? Buracos vários em, toda a extensão?! Não há culpados?! Esta é a via por onde diariamente passa o responsável máximo do concelho, o mesmo que o povo elegeu, e que por coincidência é filho do PSD, o partido que com o CDS, governa e desgoverna o quadrado chamado Portugal.

Longa vai a história, a hora do lanche chegou. Amigos, sorriam, apanhem os raios do Sol em azenha cavaqueira e façam por serem felizes. Adeus, até breve.

Ai! Que saudades de outros tempos, e o tempo não volta atrás. Mas aqui em Carransíes, nem tudo é mau. Organizamos a festa

Os doentes diabéticos têm nesta comunidade a ajuda preciosa dos Cavaleiros do Asfalto, rapaziada que tem à frente o médico de família e que todos os dias do ano, quer chova ou faça sol, aí vão eles no passeio diário, uns para abater calorias outros para controlar indívides (*sic*) diabéticos.

A amigo da família é o nosso médico, é ele quem nos trata da saúde. em que ou seja não há dinheiro para grandes compras. (*sic*)



# Tento na Língua

por Patrícia Pinto



## SER “POBRE”



Patrícia Pinto

Em conversa com uma adolescente perguntei: Para ti o que é ser pobre? Ao que ela me respondeu: Ser pobre é não ter dinheiro, não poder comprar o que quero por não ser rica.

Fiquei pelo menos 2 minutos a assimilar esta resposta e o meu cérebro deu luz verde ao prosseguimento da conversa. A verdade é que isto veio para casa comigo e pior de tudo é que este não é apenas o pensamento de adolescentes, é também a ideologia de muitos adultos.

Em 23 anos, aprendi que ser pobre economicamente também tem as suas vantagens. Não tive direito a *game boy's* nem a telemóveis, não tive direito a ter computador antes dos 16, tinha direito a uns trocos para comprar mais uns metros de elástico porque o antigo com tanto uso rebentava.

Hoje dou valor às coisas, ao trabalho, ao esforço e à dedicação que emprego nas coisas para que as consiga atingir. Dou valor à educação que me instauraram, não passo por cima de ninguém, não engano ninguém nem faço vida a roubar outras pessoas.

Tudo isto são valores cada vez mais em “vias de extinção” nesta nossa sociedade moderna, neste nosso século XXI que está tão perto do abismo e tão longe do progresso de valores.

Não tive direito a roupas nem ténis de marca, mas recebia roupas novas nas festas que marcam um ano, fossem elas de carácter religioso ou celebrativo.

Já com alguma idade, tive medo de que não pudesse ir para a universidade pela carência económica dos meus pais mas não desisti, arrisquei e percebi que ser pobre não significa que não sejamos instruídos.

Mas porque é que associamos logo pobre a dinheiro? Eu vejo muita gente pobre de espírito e riquíssima em termos financeiros. Não serão esses os maiores pobres? De que

adianta ter dinheiro se não o soubermos usar? De que adianta ter dinheiro se ele foi ganho com o suor dos outros, se foi ganho com enganar e com malabarismos de circo de profissionais que colocam areia onde se deve por telha?

Apesar de ser só um desabafo, gostaria apenas de ter mais algum dinheiro (não de ser rica) para poder enfrentar certos parasitas que se armam em chicos espertos sem se lembrarem que pode existir alguém mais esperto do que eles. Por isso, meus caríssimos seguidores, não desperdicem o vosso tempo com lamúrias por serem “pobres” porque pobre é aquele que tem um cérebro e não o sabe utilizar.

Vamos mas é aproveitar o feriado, está sol e a casa ainda não se começou a desfazer, melhores dias virão. Se quiserem partilhar os vossos desabafos, dar-me ideias de textos ou dizerem se gostaram ou não, podem fazê-lo através do seguinte endereço de

e-mail: [patriciajornalpombal@gmail.com](mailto:patriciajornalpombal@gmail.com)



**Passeio Pedestre**

# ROTA DAS MAIAS 2014

pombal de ansiões

**Percurso de dificuldade média, +/- 10Km**

**25 de maio**

**Preço:** sócios:6 maias | não sócios:7,5 maias

*O transporte será feito por autocarro*

**Pontos de Encontro:**

8h Câmara Municipal

8h15 Largo ARCPA

Pequeno almoço no Clube Recreativo de Paradela

Inscrições no **Café Planalto**,

na sede da ARCPA ou através dos números 914903365 ou 962438732

*Data limite de inscrições: 22 de Maio*

